

A CAIXA RELICÁRIO DO MONTE DA CEGONHA SELMES (VIDIGUEIRA) ARQUEOLOGIA E LABORATÓRIO

A. Moutinho Alarcão* – Conceição Lopes** – Rafael Alfenim***

Não é nossa intenção apresentar a esta Reunião um estudo exaustivo da caixa relicário proveniente do Monte da Cegonha - Selmes (Vidigueira).¹ Pretendemos, por ora, fazer a divulgação do achado e dar a conhecer os resultados de um trabalho de colaboração entre arqueólogos e técnicos de conservação, chamando a atenção para a necessidade deste tipo de acção com vista à proficuidade do estudo de certos achados arqueológicos na perspectiva da validação das sínteses de carácter histórico e da recuperação e valorização desses materiais.

Na realidade, a caixa relicário da Cegonha pelo percurso que seguiu desde a sua descoberta até à fase de análise e interpretação do conteúdo exemplifica bem quão indispensável se torna a relação estreita entre as técnicas arqueológicas propriamente ditas e o trabalho em laboratórios especializados. Sem o trabalho de laboratório não teria sido possível descodificar o conteúdo da caixa relicário aqui em apresentação.

Um esboço rápido dos métodos e meios utilizados na escavação, restauro e conservação da caixa e do conteúdo deixa bem claro a validade do acima afirmado.

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DO ACHADO

Durante a campanha de escavação de 1989, ao

* Directora do Museu Monográfico de Conimbriga.

** Assistente no Instituto de Arqueologia de Fac.

Letras Universidade de Coimbra.

*** Técnico Superior do IPPARR.

1. Sobre a localização do Monte da Cegonha cf comunicação apresentada a esta Reunião com o título: A Basílica do Monte da Cegonha – Selmes (Vidigueira), pp.

procedermos à limpeza do pavimento de *opus signinum* que revestia o chão da basílica² na capela central, junto de uma fundação de pé de altar, verificou-se a existência de um rectângulo formado por *imbrices* colocados na vertical sugerindo sob o pavimento a existência de qualquer coisa relacionado com essa estrutura.

Feitos os registos, em desenho e fotografia, removeu-se o *opus signinum* de cobertura, ficando a descoberto uma caixa feita por tijolos que envolvia uma outra em mármore – a caixa relicário [Fig. 1].

A Caixa-Relicário

Trata-se de uma caixa rectangular de mármore de S. Brissos, desprovida de qualquer decoração. A face interna da tampa e da caixa não tiveram qualquer polimento sendo bem visíveis as marcas de desbaste. O rebaixamento para encaixe da tampa e a parte superior desta foram polidas. O exterior foi totalmente alisado sendo notório numa das faces um tratamento distinto tendo-se “lavrado” uma base reentrante bem polida.³

É uma peça relativamente pequena cujas medidas externas são: comprimento 25 cm, largura 16 cm e altura 12,5 cm e as internas: comprimento 20 cm largura 12 cm e altura 8,5 cm; o encaixe situa-se a 10 cm de altura e tem de largura 1 cm; a tampa tem: comprimento 19,2 cm largura 11 cm e altura 2 cm.

2. Id.

3. Refira-se que esta face estava virada a Oeste.

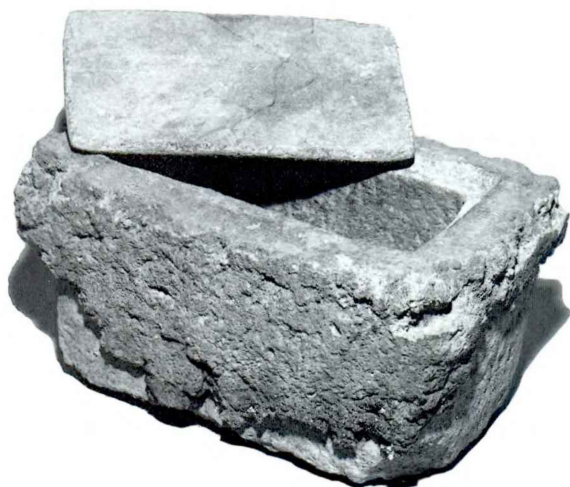


Figura 1.

A escavação e conservação no campo

A escavação da caixa relicário, melhor dizendo, do contexto envolvente da caixa foi feita de forma minuciosa de maneira que não houvesse qualquer alteração irreversível da peça e do seu conteúdo. Assim, no campo, limitámo-nos a retirá-la do local onde fora deposta, abri-la e de imediato fechá-la sem qualquer meximento no interior pois apercebemo-nos que aquilo que continha não podia ser analisado com os meios que dispunhamos no local nem nas condições atmosféricas do momento (cerca de 40 graus). Para mantermos tanto quanto possível o ambiente em que se encontrava foi a caixa envolta em papel e fechada em saco de plástico. Efectuada esta fase da escavação foi seguidamente enviada para o Laboratório do Museu Monográfico de Conimbriga onde se efectuou a fase seguinte do trabalho.

Trabalho de laboratório

O trabalho em laboratório incidiu num primeiro momento na consolidação da tampa, partida durante a escavação, e das argamassas que revestiam a parte externa da caixa.

Seguidamente procedeu-se à desmontagem do conteúdo a qual se fez com uma pinça e na presença de uma antropóloga para a eventualidade de haver material osteológico. À mistura com terra, argamassa, numerosas pedrinhas, foi possível identificar vários fragmentos metálicos e alguns fragmentos de cerâmica [Fig. 2].

O Conteúdo

– Os fragmentos metálicos

Os fragmentos metálicos foram enviados para o LNETI e analisados pelo Doutor Peixoto Cabral que nos indicou tratar-se de uma liga de estanho e chumbo com vestígios de ferro, cobre e prata.

As dimensões destes fragmentos apenas permitiram que alguns deles fossem recuperados electroquimicamente, e de entre eles, um tinha uma decoração com paralelos na de um apito de prata existente em Conimbriga [Fig. 3]. Estes restos metálicos podem ter pertencido a uma ampula cujos paralelos se podem encontrar em exemplares provenientes do tesouro da Duomo di Monza⁴ e que, aparentemente, com frequência se encontram em relicários trazidas por peregrinos da Terra Santa. Por gentil informação de Monsenhor P. Recio, soubemos que sobre ampulas, as mais recentes informações referem que na Terra Santa arqueólogos do Museu de Jerusalém descobriram uma oficina onde estas se produziam para os peregrinos que aí se deslocavam.⁵

– Os fragmentos cerâmicos

Os medalhões

Os fragmentos de cerâmica, não apresentavam,



Figura 2.

4. ROBERTO CONTI, 1983. Il Tesoro, Guida alla conoscenza del Tesoro del Duomo di Monza, Museu del Duomo Di Monza, 2a ed., Monza, p. 1.826.

5. Agradecemos a Monsenhor P. Recio a gentileza que teve em enviar-nos estas informações preciosas a tempo de as podermos incluir no texto final de comunicação.



Figura 3.

à primeira vista, interesse de maior. No entanto um exame minucioso e demorado permitiu-nos proceder a algumas colagens e montar um medalhão em cerâmica de cor esbranquiçada e iniciar a reconstituição de um outro do mesmo tipo.

O primeiro [Fig. 4] tem de diâmetro 46 cm e de espessura máxima 10 cm no qual é apenas possível ver uma figura com um nimbo, sem outros elementos que possibilitem a sua identificação [Fig. 5].

O segundo medalhão é apenas reconstituído em parte e nele está presente uma figura de que só vemos a parte inferior [Fig. 6].

As medalhas

Além dos medalhões conseguimos ainda distinguir fragmentos de cerâmica bastante mais dura de cor de tijolo num grande estado de fragilidade, com os quais reconstituímos duas pequenas medalhas que, após paciente trabalho de limpeza feito a bisturi e à lupa binocular, nos revelou a composição decorativa que as medalhas apresentam apenas em uma das faces. A decoração é do mesmo tipo nos dois exemplares, havendo contudo algumas diferenças de pormenor.

As dimensões são aproximadamente as mesma 12 / 11 cm de diâmetro numa e 13 cm noutra.

A primeira [Fig. 7] apresenta uma figura masculina (?) a cavalo de braços levantados segurando na mão uma espécie de chicote; em frente uma figura em pé, nimbada, e com uma asa (?) ou um manto(?). O cavalo está de cabeça baixa e parece ter junto á cabeça qualquer coisa que não conseguimos identificar.

A segunda [Fig. 8] repete o esquema decorativo da anterior sendo nesta mais nítida a figura que está de pé em frente ao cavalo.



Figura 4.

Não é fácil identificar a iconografia destas medalhas. Não conhecemos nenhum paralelo para estas peças. Os exemplos mais próximos, pelo seu estilo, são duas medalhas bizantinas representando a adoração dos Magos incluídas no *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*⁶ e um medalhão e uma medalha provenientes da basílica de S. Colombano em Bobbio.⁷

Não há, contudo, dúvida que se trata de um esquema e tipo decorativo com filiação na pintura paleocristã na qual encontramos similitudes na representação da cena de um anjo parando o burro de Balaão.⁸



Figura 5.

6. *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie*, Tomo I, fig. 498 e 499.

7. GIOVANNA MENNELLA, (Edit.), 1990. *Inscriptiones Christianae Italiae*, 7, Regio IX, dertona, Libarna, Forum Iulii Iriensium, Edipuglia, Bari, p. 140, 141.

8. PIERRE DE BOURGET, 1965. *La peinture paleo-chrétienne*, Paris, p. 114. Parece haver grandes semelhanças entre a cena aqui representada e a das nossas medalhas. É bem possível que estejamos na presença de mais uma representação desta cena do Antigo Testamento.



Figura 6.

Pela tipologia, pelo conteúdo, pelo contexto do achado (fase III da basílica) a caixa relicário que apresentamos pode ser datada do século VI d.C.

Com contexto arqueológico bem definido, *in situ*, sem qualquer violação desde a sua deposição, é facto, tanto quanto sabemos, inédito na arqueologia peninsular e, sem dúvida, um dos mais interessantes achados arqueológicos de Portugal, acrescido do facto de provir de um sítio rural suficientemente afastado dos centros religiosos importantes.

Uma análise sumária dos relicários peninsulares valoriza ainda mais a sua importância.

OS RELICÁRIOS NO CONTEXTO PENÍNSULAR

Em artigo recente Mário Barroca e Manuel Real afirmavam “o aparecimento de lipsanotecas medievais não é acontecimento muito comum na Península Ibérica”.⁹ Um inventário apurado das caixa-relicário que se conhecem em Portugal e Espanha feito nesse trabalho realça o interesse do achado do Monte da Cegonha. De facto os exemplares apresentados no trabalho citado têm toda cronologia mais tardia e emergem de contextos civilizacionais/culturais bem diferentes daquele em que este se integra. Ademais, nenhum foi recolhido no decurso de trabalhos arqueológicos. Não há, portanto, paralelos cronológicos para esta caixa-relicário; os mais antigos exemplares que se conhecem em território hispânico parecem ser os provenientes do altar-mor de S. João Baptista de

9. MÁRIO BARROCA, MANUEL REAL, As caixas-relicário de São Torquato, Guimarães (Séc. X-XIII), *Arqueologia Medieval*, 1992, p. 154.

La Peña que Francisco Iniguez Almech datou de 850 mas que alguns investigadores apontam ser mais tardia;¹⁰ o do pé de altar de S. João Baptista de Compostela¹¹ e o da Catedral de Astorga que, segundo Gomes Moreno, poderá ter sido obra encomendada pelo bispo S. Genidio de Astorga o que permitirá dar-lhe uma cronologia do século IX.

Elementos de composição decorativa e legendas que ostentam a maioria dos exemplares peninsulares permitem a sua datação com bastante rigor. No caso presente, a ausência de qualquer um destes elementos sugere a sua anterioridade relativamente aos restantes conhecidos na Península Ibérica. Não ousamos afirmar ou defender uma evolução tipológica das caixas-relicário peninsulares, o número de peças conhecidas não é suficiente para isso, no entanto parece poder constatar-se uma tendência para uma maior elaboração das faces externas, onde se vão inscrevendo legendas e/ou construindo cenas decorativas à medida que avançamos no tempo.

O exemplar de Cegonha cujo contexto arqueológico prova ser anterior aos restantes é austero de aparência, como austero é também o da Igreja de Pedregais (Vila -Verde)¹² aspecto que nos encora-



Figura 7.

10. Sobre este último calendario: GRIBOMONT, S., 1957. Le mystérieux calendrier latin du Sinai, édition et commentaire, en *Analecta Bollanadiana* 75 105-33. No figura S. Eulalia, y sí S. Vicente, en DELAYAHE, H., 1902. *Popylaeum ad Acta Sanctorum novembris-Synaxarium Ecclesiae Constantinopolianae*, Bruxellis.

11. Orifício aberto lateralmente no pé de altar.

12. Agradecemos ao Dr. Manuel Real a informação que nos deu desta peça em granito bem como da sua actual localização no Museu Pio XII como o nº de inventário SL 682.



Figura 8.

jaria a ver neles o início de uma evolução, não fosse o facto de do ponto de vista da forma –caixa rectangular, encaixe da tampa, etc.– não haver praticamente diferenças das mais tardias como se pode verificar no exemplo da caixa-relicário nº 7 de S. Torquato datada do século XIII¹³ ainda que seja distinto o material de que são feitas, mármore a de Cegonha, madeira a de S. Torquato. Aliás à excepção das caixas de Cegonha e de Vila Verde as restantes são em madeira, vidro, metal, marfim, e vaso de cerâmica.¹⁴

Sintetizado o que se conhece deste tipo de material na Hispânia fica mais uma vez bem claro que estamos na presença de uma das mais singulares peças da arqueologia medieval e religiosa deste espaço geográfico.

Até agora todas as caixas-relicário da Península e também da Gália foram registadas em

edifícios religiosos importantes, o que facilmente explica a sua deposição. A existência de um relicário num templo rural, muito provavelmente privado, parece surpreendente e naturalmente levanta algumas questões a que não podemos responder com certeza absoluta.

O que justifica a presença de um relicário num estabelecimento rural? Não cremos ser um caso de repetição de uma prática comum no mundo rural da Lusitânia Meridional (apesar da escavação da totalidade de *villae* nesta área não ser muito grande seria, apesar disso, normal já se terem encontrado outros exemplares, mesmo que de forma diferente). O mais provável será tratar-se de um acto isolado de alguém que foi peregrino na Terra Santa de onde trouxe as relíquias. Quem era então o proprietário desta *villa*? Nenhuma inscrição nos foi revelada pelo que nada sabemos dele; certo é que era um seguidor da fé cristã e um conhecedor dos rituais desse credo e que na sua propriedade privada repetiu os gestos e modos da afirmação da religiosidade de colectividades alargadas sediadas em catedrais, igrejas e basílicas de centros urbanos. Independentemente da riqueza, do estatuto social, deste fiel parece não existirem dúvidas que o culto de relíquias tinha chegado ao meio rural e podemos até imaginar que a *villa* da Cegonha, do ponto de vista religioso, era um centro aglutinador de outras *villae* da região.

Trabalho de arqueologia e de laboratório utilizados em tempo e de modo certo permitiram “desvendar” o mais interessante do conteúdo da caixa-relicário da Cegonha. Sem o segundo nunca passaríamos de uma descrição formal desta e lograríamos certamente perder as informações do seu conteúdo.¹⁵

13. MÁRIO BARROCA - MANUEL REAL, 1992. As caixas-relicário de São Torquato, Guimarães (Séc. X-XIII), *Arqueologia Medieval*, p. 151-154.

14. Apesar de diminuto o material disponível e, por isso, se tornar inviável qualquer tentativa de tipologia evolutiva das caixa-relicário da Península na época medieval, parece contudo serem claros alguns aspectos que devem ser tomados em conta para a elaboração desta.

15. A caixa bem como o seu conteúdo encontram-se depositadas no Museu Monográfico de Conimbriga até que na região de onde provém se construam instalações dignas de os receber sem que se ponha em causa o trabalho de restauro, consolidação e tratamento a que foram sujeitos.